

# O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil

*The cultural significance of use of caatinga plants by Quilombolas of the Raso Catarina, Jeremoabo district, Bahia, Brazil*

Vanusa Sousa Almeida<sup>1,2</sup> & Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira<sup>1</sup>

## Resumo

Uma das formas que os negros no Brasil criaram para enfrentar o regime escravocrata foi a formação de quilombos, dos quais centenas estão localizados no estado da Bahia, e vêm mantendo ao longo dos séculos conhecimentos e práticas de manejo sobre a flora local, ainda pouco estudados. Esta pesquisa visou determinar o valor local das espécies vegetais utilizadas pelos quilombolas do município de Jeremoabo, na região nordeste da Bahia, principalmente aquelas da caatinga. A coleta de dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas e lista livre. Os entrevistados citaram 86 espécies que estão distribuídas em dez categorias de uso: medicinal, ritual ou religioso, construção, alimentação, combustível, veterinário, melífera, forrageira, comercialização e artesanato. As cinco espécies que tiveram o maior valor local, em ordem decrescente, foram: *Gochnatia oligocephala* (candeia), *Myrcia* sp. (araçá), *Schinus terebinthifolius* (aroeira), *Hymenaea courbaril* (jatobá), *Mimosa tenuiflora* (jurema-preta). Os resultados dessa pesquisa, sobretudo as espécies vegetais de maior valor local identificadas, podem ser aplicados em programas de recuperação de áreas degradadas, desenho de sistemas agroflorestais e educação ambiental nas escolas locais.

**Palavras-chave:** conservação, etnobotânica, quilombos, significado cultural.

## Abstract

One of the ways that blacks in Brazil created to confront the regime of slavery was the formation of "quilombos". This study aimed to determine the value of local plant species used in the "quilombolas" of Jeremoabo district located in northeastern Bahia, especially the Brazilian species from the caatinga environment. Data collection was made through semi-structured interviews and free lists. The people interviewed cited 86 species that are distributed in ten use categories: medicinal, ritual or religious, building, food, fuel, veterinarian, honey, fodder, marketing and handicrafts. The five species that had the largest local value in descending order were: *Gochnatia oligocephala* (candeia), *Myrcia* sp. (araçá), *Schinus terebinthifolius* (aroeira), *Hymenaea courbaril* (jatobá), *Mimosa tenuiflora* (jurema-preta). The results of this research, especially the plant species of highest local value identified, can be applied in environmental restoration programs of degraded areas, agroforestry design and environmental education in the local schools.

**Key words:** conservation, cultural meaning, ethnobotany, "quilombos".

## Introdução

O termo significado cultural é definido por Berlin *et al.* (1973) como o valor prático que o conhecimento biológico tem para uma determinada cultura, enquanto Hunn (1982) utilizou o termo para designar a importância ou papel que um táxon apresenta dentro de uma cultura. O significado

cultural oferece possibilidade de fazer inferências sobre sistemas de nomenclatura tradicionais, utilização, apropriação e importância dos recursos naturais (Garibay-Orijel *et al.* 2007). Alguns pesquisadores, em diversas partes do mundo, têm avaliado o significado cultural do uso de plantas. Por exemplo, Berlin *et al.* (1973) relacionaram o

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Feira de Santana, Depto. Ciências Biológicas Programa de Pós-Graduação em Botânica, Av. Universitária s/n, 44031-460, Feira-de-Santana, BA, Brasil.

<sup>2</sup>Autor para correspondência: vansoal@yahoo.com.br

significado cultural de plantas com a retenção léxica entre os Tzeltal-Tzotzil; Stoffle *et al.* (1990) calcularam o significado cultural das plantas em comunidades indígenas americanas; e Pieroni (2001) avaliou o significado cultural de plantas alimentícias na Toscana, Itália.

Seguindo o desenvolvimento desse campo da Etnobiologia, diversos métodos quantitativos vêm sendo criados e testados para avaliar a importância cultural das plantas e seus usos. Muitos desses métodos têm utilizado índices, como o índice de significado cultural (ISC), criado por Turner (1988). Este foi formulado para calcular o valor ou importância das espécies vegetais dentro de um grupo humano, que posteriormente foi adaptado por Stoffle *et al.* (1990) e modificado por Lajones & Lemas (2001) que o denominaram de índice de valor de importância etnobotânica (IVIE). Entretanto Silva *et al.* (2006), a partir da crítica feita por Phillips (1996) ao índice ISC de Turner (1988), propõem um novo índice para calcular o significado cultural de plantas acrescentam outros elementos como o consenso do informante, tentando desta forma eliminar o caráter subjetivo das técnicas anteriores que privilegiavam a visão do pesquisador em detrimento a do informante. Colaço (2006) adaptou o índice desenvolvido por Pieroni (2001) para plantas alimentícias para criar o ISCPF - índice do significado cultural de plantas forrageiras. Além desses índices, Lawrence *et al.* (2005) desenvolveram um método que calcula índices quantitativos utilizando interpretação de informação qualitativa, denominado "Valor Local", que é utilizado para medir o significado cultural de plantas. Este método é muito utilizado para explorar diferenças de valores entre homens e mulheres, entre índios e imigrantes e o efeito do contexto geográfico e econômico sobre a informação.

A utilização crescente desses índices em estudos etnobotânicos quantitativos possibilita a realização de estudos comparativos entre diferentes culturas bem como tipos de vegetação, ampliando também as bases para o desenvolvimento teórico desse campo do conhecimento a partir da descoberta de padrões gerais no uso, manejo e valoração cultural das plantas.

Apesar da importância do bioma Caatinga, onde se concentra uma parte da biodiversidade brasileira, com altos índices de endemismo (Giulietti *et al.* 2004), e do crescente número de estudos etnobotânicos realizados nos últimos dez anos, ainda se faz necessário ampliar os esforços nesse campo de pesquisa, tendo em vista as tendências de

degradação ambiental e mudanças socioculturais e econômicas por que vem passando o semi-árido nordestino, onde se encontra esse Bioma.

A região do semi-árido possui uma população que expressa uma grande diversidade cultural, formada por grupos étnicos diferenciados, principalmente indígenas, quilombolas e camponeses, com costumes e modo de vida tradicionais, detentores de conhecimento sobre a biodiversidade que precisam ser conhecidos e valorizados. Entretanto, devido à grande concentração de terra e prática extrativista (madeira, agrícola e pastoril), a caatinga configura um cenário de enorme desigualdade ao acesso dos recursos pelas diversas populações rurais. Associa-se assim negativamente; a um quadro de aumento da pobreza; uma forte modificação da cobertura vegetal, conduzindo à degradação ambiental, à perdas irrecuperáveis para a diversidade da flora e da fauna, ao aumento do processo de erosão, declínio da fertilidade do solo e qualidade da água, bem como a desigualdade social e perda cultural (Sampaio & Batista 2004).

O conhecimento local sobre os recursos vegetais que quilombolas, indígenas e camponeses têm produzido e mantido por gerações; vem chamando muito a atenção dos pesquisadores brasileiros Monteles & Pinheiro (2007), que investigaram os recursos vegetais relacionados às práticas terapêuticas no Quilombo Sangrador no Maranhão; Franco & Barros (2006) determinaram o valor de uso das plantas medicinais em comunidades negras Olhos D'água dos Pires no Piauí; Nascimento *et al.* (2007) estudaram as formas de uso e manejo de espécies vegetais destinadas à construção de cercas em comunidades rurais no Pernambuco; Moraes *et al.* (2005) trabalharam com os índios Tapebas no Ceará, identificando o acervo de plantas medicinais usado na cura das doenças; Rufino *et al.* (2008) investigaram a importância das palmeiras (*Syagrus coronata* e *Orbignya phalerata*) em uma comunidade que vive próxima ao Parque Nacional Vale do Catimbau, em Pernambuco; Colaço (2006) e Bandeira (1996) trabalharam com os índios Pankararé do Raso da Catarina/Bahia, abordando o significado cultural dos recursos vegetais, sua etnopedologia e etno-ecografia, respectivamente; Albuquerque & Andrade (2002a) investigaram o conhecimento botânico tradicional, enfocando aspectos da percepção e manejo desses recursos no bioma da caatinga, em uma comunidade rural situada no município de Alagoinha/Pernambuco.

Muitas dessas pesquisas têm demonstrado a importância da etnobotânica para conservação de recursos e gestão da vegetação nas regiões tropicais (Albuquerque *et al.* 2009). Nesse contexto, ainda são escassos os estudos sobre etnobotânica em comunidades quilombolas no nordeste, sobretudo na Bahia, estado que apresenta o maior número dessas comunidades em todo o país (Anjos 2000).

A formação de quilombos no Brasil foi uma das frentes de resistência contra o regime escravocrata, definido este como o sítio geográfico onde se agrupavam povos negros que se rebelavam contra o sistema escravista da época, formando comunidades livres (Anjos 2000). Embora o termo quilombo tenha sido uma manifestação de contrariedade ao regime escravista (Carvalho 1995), é a partir do texto do artigo 68 da Constituição Federal de 1988 que o termo assumiu um novo significado, pois o mesmo é usado para designar a situação dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil, que ocupam terras que resultaram da compra por negros libertos; da posse pacífica por ex-escravos de terras abandonadas pelos proprietários em épocas de crise econômica; da ocupação e administração das terras doadas aos santos padroeiros ou de terras entregues ou adquiridas por antigos escravos organizados em quilombos.

Muitos estudiosos propõem uma ressemantização do termo. Conforme assinalado pela Associação Brasileira de Antropólogos (ABA), quilombo seria qualquer comunidade rural e urbana de afro-descendentes com manifestações culturais ligadas ao passado e que, ao se autodefinir como quilombo, passa a constituir e ser reconhecido como tal (Fiabani 2005).

De modo a contribuir com a ampliação do conhecimento da etnobotânica de comunidades de quilombos no Brasil, esta pesquisa visou determinar o valor local, com base no índice desenvolvido por Lawrence *et al.* (2005), das espécies vegetais utilizadas pelos quilombolas do povoado de Baixa dos Quelés e Casinhas, em uma região altamente prioritária para a conservação da biodiversidade do Bioma Caatinga (MMA 2002), o Raso da Catarina, bem como avaliar as diferenças de valor local entre as duas comunidades e entre os gêneros.

## Material e Métodos

### Área de estudo

As duas comunidades quilombolas estudadas, Casinhas e Baixa dos Quelés, pertencem ao município

de Jeremoabo (10°04'29''S; 38°21'02''W) e ficam aproximadamente a 35 km e 24 km, respectivamente, da sede municipal. Jeremoabo situa-se na região nordeste do estado da Bahia, distante de Salvador 371 km. Faz limite com os seguintes municípios: Canudos, Macururé, Pedro Alexandre, Santa Brígida, Paulo Afonso, Rodelas, Novo Triunfo, Coronel João de Sá, Pedro Alexandre e Sítio do Quinto.

Esta região é uma das mais inóspitas do estado, estando inserida no chamado "Polígono das Secas" ou Semi-árido, definido como região que apresenta índice pluviométrico anual abaixo de 800 mm (PDRS 2000). O clima da região, portanto, é caracterizado como semi-árido, predominantemente seco, com temperatura mediana anual de 24°C, máxima de 28°C e mínima de 20,2°C. A pluviosidade média anual é de 654 mm, máxima de 2273 mm e mínima de 276 mm. As chuvas ocorrem nos meses de maio a julho (SEBRAE 1995).

A área é coberta por uma vegetação do tipo caatinga que não se apresenta homogênea, mas em um mosaico descontínuo, com predominância da vegetação de aspecto arbóreo aberto, às vezes mais denso ou mais rarefeito e de menor porte (PDRS 2000). Apresenta também áreas de contato entre cerrado-caatinga-floresta estacional; cerrado-caatinga além de caatinga arbórea sem palmeiras, caatinga arbórea densa sem palmeiras, caatinga arbórea aberta com palmeiras (CEI 1994).

### Caracterização das comunidades

As comunidades quilombolas estudadas, Casinhas e Baixa dos Quelés, têm respectivamente 35 e 104 famílias. São formadas por pequenos agricultores rurais, que para sustentar suas famílias vivem dos cultivos de subsistência, principalmente da *Manihot esculenta* Crantz (mandioca), *Phaseolus vulgaris* L. (feijão), *Zea mays* L. (milho) e *Mangifera indica* L. (manga). Cada família possui sua própria área de cultivo ou roças. Para completar a renda familiar, algumas famílias criam animais como gado, galinhas e porcos em unidades afastadas de suas casas, enquanto outros utilizam os quintais. No povoado Baixa dos Quelés há um grupo de pequenos apicultores que utilizam a mata para produção de mel.

O artesanato se restringe à confecção de esteiras, vassouras e panela de barro para uso doméstico. As vassouras e esteiras são feitas com palhas de *Syngnathus coronata* (Mart.) Becc (Licuri ou pindoba), atividade esta realizada principalmente pelas mulheres.

As comunidades mantêm algumas práticas tradicionais de manejo dos recursos naturais. Os

quilombolas da Baixa dos Quelés, por exemplo, fazem uso de adubação orgânica (principalmente esterco de gado), enquanto que na comunidade Casinhas há uma combinação de adubação química e orgânica. Durante a coleta de madeira para produção de lenha, os galhos mortos são preferidos. O feijão e milho são conservados sob uma forma bastante peculiar chamado "ariá", que consiste em misturar esses grãos a um barro, retirado próximo ao povoado, chamado localmente de "toá". Segundo os quilombolas, essa técnica permite a conservação dos grãos por um período de quase dez anos. O plantio de algumas espécies frutíferas é baseado na passagem da lua, com base na crença local de que essa prática garantirá a produção naquele ano.

Nas comunidades há presença de manifestações religiosas de origem católica, matriz afro-brasileira e evangélica. As principais festividades de Casinhas são a festa de São Jerônimo, que é o padroeiro do povoado, realizado no dia 28 de setembro, e o caruru de Santa Bárbara que ocorre no dia 4 de dezembro. Estas festas são envolvidas por cânticos e danças, como a do coco e o principá, que acompanhadas pelos ritmos dos instrumentos musicais (gaita, flauta, zabumba e bandeiro), os participantes vivenciam momentos lúdicos e de devoção aos seus santos. Baixa dos Quelés tem como padroeiro Santo Antônio e sua festividade ocorre no dia do santo 13 de junho.

Nos dois povoados existem escolas de primeira a quarta séries, enquanto as séries seguintes são cursadas na sede município de Jeremoabo. Muitos adultos foram alfabetizados nos últimos anos, diminuindo o índice de analfabetismo no povoado.

O acesso aos postos de saúde é difícil, muitas pessoas quando não fazem uso de remédios alopáticos utilizam as plantas para curar suas doenças, ou associam as duas práticas médicas. As principais doenças listadas pelas lideranças locais foram: problemas gastrointestinais, sobretudo altos índices de doenças parasitárias nas crianças, pois não há esgotamento sanitário em uma das comunidades, problemas respiratórios, cefaléia, diabetes, pressão alta, infecção no aparelho urogenital e depressão.

### Coleta de dados

Antes de iniciar a pesquisa houve a leitura, para os colaboradores, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e só após a aprovação dos envolvidos a coleta de dados foi iniciada. Foram

realizadas oito visitas às comunidades durante o ano de 2008, com duração de 15 dias para cada visita. Inicialmente, aplicou-se um questionário com as lideranças locais para a caracterização sócio-econômica das comunidades. A obtenção das informações etnobotânicas foi feita através de entrevistas semi-estruturadas, nas quais se interrogava sobre o uso e restrições de uso das plantas, parte usada, e os fatores culturais, geográficos e históricos relacionados à escolha dessas espécies como recursos vegetais. Também se utilizou a lista livre, por meio de uma pergunta chave sobre as dez espécies mais importantes utilizadas nos últimos dez anos, em ordem de preferência (Lawrence *et al.* 2005). Esta técnica visa buscar informações específicas sobre um domínio cultural da comunidade estudada, ou seja, um elemento culturalmente relevante seja delineado pelo próprio informante, em sua linguagem, dando possibilidade de fazer inferências sobre a estrutura cognitiva do mesmo a partir da ordem em que recorda e coloca os elementos na lista (Albuquerque & Luccna 2004). Desta forma foi possível observar os itens mais salientes, melhores conhecidos ou mais importantes, através da posição em que aparecem nas listas de citações. A partir da ordenação realizada pelos informantes, os dados foram convertidos em um *rank*. Desse modo, uma planta que foi colocada na primeira posição pelo informante recebe *score* igual a 10, a planta de *rank* 2 recebe *score* igual a 9, e assim sucessivamente; os táxons não mencionados recebem *score* igual a zero. Os dados calculados a partir da lista livre foram sistematizados, tabulados e analisados com relação ao significado cultural de uso das plantas. Para isso aplicou-se o índice de significado cultural (valor local) segundo Lawrence *et al.* (2005), levando-se em conta as diferenças de gênero.

Para participar da pesquisa, os seguintes critérios de inclusão foram considerados: ser quilombola, maior de dezoito anos e viver no quilombo pelo menos há dez anos. As casas dos moradores foram enumeradas e a partir de uma tabela numérica aleatória os entrevistados foram selecionados conforme o número que correspondesse à numeração das casas. Quarenta e seis colaboradores participaram da pesquisa (23 na comunidade de Casinhas e 23 em Baixa dos Quelés), sendo 16 mulheres e 7 homens em cada comunidade. Segundo Weller & Romney (1988), de 20 a 30 informantes são suficientes para definir um domínio cultural e, a partir disto, as informações se

repetem, ou seja, os itens pouco mudam e as listas tomam-se estáveis. A saturação de respostas bem como a aceitação em participar da pesquisa foram os critérios para definir o número total de entrevistados.

Com auxílio dos colaboradores locais, o material botânico citado foi coletado, depositado no Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS) e identificado com ajuda de especialistas ou por meio de comparação com exsiccatas. O sistema adotado para a classificação de famílias foi o de Cronquist (1988).

### Análise dos dados

A fórmula do valor local (Mulher/Homem) é dada pela equação:  $VT_xc = \sum T_x/n_x$ , onde para cada táxon (T), é calculado o valor local das plantas atribuídas pelas mulheres ou pelos homens (x) de cada uma das comunidades (c), dividido pelo número total de mulheres ou homens ( $n_x$ ).

A fórmula do valor local de cada comunidade é dada pela equação:  $VT_c = 1/2 (\sum T_m/n_m + \sum T_f/n_f)$ , onde para cada táxon (T) é calculado o valor local das plantas atribuído pelos homens (m), somado ao valor local das mulheres (f) de cada comunidade (c).

Os resultados obtidos pelo valor local foram testados através do teste normalidade Shapiro-Wilk. Posteriormente, aplicou-se o teste t (Student) para avaliar se houve diferenças significativas do valor local das plantas, entre os gêneros e entre as comunidades.

### Resultados e Discussão

Os quilombolas das duas comunidades citaram 86 espécies de uso local, que estão distribuídas entre 34 famílias e 60 gêneros (Tab. 1). As famílias com número maior de representantes foram: Leguminosae, Euphorbiaceae, Myrtaceae, Lamiaceae e Anacardiaceae. Resultado bem próximo foi encontrado por Franco & Barros (2006) ao pesquisar o uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola do Piauí, na área de transição entre cerrado e floresta decidual mista (Mata de Babaçu), onde foram identificadas 85 espécies. Para área de caatinga Albuquerque *et al.* (2002b) encontraram 75 espécies, sendo dessas, 14 introduzidas e Colaço (2006) 64 plantas.

As plantas ou "paus-do-mato", termo utilizado pelos quilombolas estudados para designar os vegetais de uma forma geral, estão distribuídas em dez categorias de uso, sendo que as plantas para fins medicinais foram as mais citadas: medicinal (75,6%), ritual ou religioso (22,1%), construção (19,8%), alimentação (15,1%),

combustível (9,3%), veterinário (5,8%), melífera (5,8%), forrageira (4,6%), artesanato (1,2%) e comercialização (1,1%). No geral, a maioria das espécies possui de uma a cinco categorias de uso. Cunha & Albuquerque (2006) encontraram seis a dez usos para quinze espécies.

A categoria melífera está associada às plantas percebidas pelos entrevistados com potencial melífero, tais como: *Gochnatia oligocephala* (candeia), *Pityrocarpa moniliformis* (quipé), *Byrsonima vacciniifolia* (murici), *Mimosa tenuiflora* (jurema-preta), *Anacardium occidentale* (cajuzeiro branco), *Croton tricolor* (sacatinga), etc; e que são visitadas pelas abelhas *Apis mellifera* L. (Italianas ou "Oropa") durante o período da floração sendo associadas pelos entrevistados com a produção do mel, fato registrado por um grupo de apicultores da comunidade Baixa dos Quelés.

Essas plantas são retiradas da mata próxima ao povoado ou cultivadas nos quintais ou nos campos de cultivo (roças). Os quintais apresentam uma diversidade de elementos manejados, que vão desde espécies de plantas nativas e cultivadas até a criação de animais de pequeno porte, como galinhas e porcos.

Para curar as doenças que "afligem à alma", categoria própria do sistema etnomédico local, algumas pessoas procuram rezadores e benzedeiros que além das rezas, usam diversas plantas em seus procedimentos de cura. As principais plantas utilizadas para estes fins são: *Gochnatia oligocephala* (candeia), *Commiphora leptophloeos* (imburana), *Jatropha* sp. (pinhão-manso), *Jatropha ribifolia* (pinhão-roxo), *Capparis* sp. (quebra-mandinga), *Vanilla* sp. (bonia), *Protium heptaphyllum* (amesca), *Lippia thyuoides* (alecrim), *Scoparia dulcis* (vassourinha), *Petiveria alliacea* (cambabá).

Embora o valor local para a maioria das plantas relacionadas aos rituais tenha sido baixo, à exceção da candeia e do alecrim, a quantidade de plantas utilizadas nos rituais para a cura dos "males espirituais" é alto (22,1%), em comparação, por exemplo, ao resultado encontrado em comunidades negras do Mato Grosso do Sul, onde apenas 9% das 189 espécies citadas foram usadas com esta finalidade, através de banhos de descarrego e benzeduras (Schardong & Cervi 2000). Em uma das comunidades até pouco tempo atrás existia uma casa de candomblé (religião de matriz afrobrasileira), no entanto, com o falecimento da mãe de santo, os rituais cessaram, e possivelmente, muitos dos

conhecimentos etnobotânicos disseminados pelo culto ficaram sedimentados no interior das comunidades. Camargo (2007) cita o cambabá (*Petiveria alliacea*), uma das espécies usadas ritualmente nas comunidades estudadas, como uma planta ligada ao universo místico-religioso africano no Brasil. No período escravagista essa planta, também chamada "amansa-senhor", era preparada numa porção mágica e usada pelos escravos para deixar os seus senhores em estado de debilidade como uma forma de defesa das mulheres negras aos assédios dos seus patrões.

### Valor local de plantas da caatinga

O valor local total dos táxons nas duas comunidades variou de 0,03 a 5,49 (Tab. 2). As dez espécies que tiveram o maior valor local, por comunidade, em ordem decrescente foram: Casinhas – *Gochmatia oligocephala* (candeia - 5,49), *Hymenaea courbaril* (jatobá - 3,87), *Poincianella microphylla* (catingueira - 2,88), *Lippia thymoides* (alecrim - 2,70), *Schinus terebinthifolius* (arocira - 2,23), *Maytenus* sp. (pau-de-colher - 2,13), *Anacardium occidentale* (cajueiro branco - 2,06), *Myrcia* sp. (araçá - 1,89), *Mimosa tenuiflora* (jurema-preta - 1,61), *Libidibia ferrea* (pau-ferro 1,54) e *Cordia* sp. (pau-santo - 0,03) planta de menor valor local. Para Baixa dos Quelés tem-se: *G. oligocephala* (candeia - 4,83), *Myrcia* sp. (araçá - 4,07), *S. terebinthifolius* (aroeira - 3,09), *M. tenuiflora* (jurema-preta - 2,66), *Cordia curassavica* (caatinga-de-cheiro - 2,59), *Miconia ferruginata* DC. (babatenão - 2,48), *Croton* sp. (quebra-fação - 2,30), *A. occidentale* (cajueiro branco - 2,02), *Pisonia laxa* (bandola - 1,63), *L. thymoides* (alecrim - 1,55). Nesta área os menores valores locais foram de 0,03 para *Gossypium* sp. (algodão-criolo), *Scoparia dulcis* (vassourinha), e *Plectranthus* sp. (malva grossa).

Mesmo não havendo diferenças significativas entre as comunidades ( $t = 0,26$ ,  $p = 0,79$ ) e entre os gêneros ( $t = 0,27$ ,  $p = 0,78$ ) para os diferentes táxons (resultado semelhante encontrado por Colaço, 2006), verifica-se que *G. oligocephala* (candeia) é a espécie de maior valor local dentro de cada comunidade, tanto para os homens quanto para as mulheres. *Gochmatia oligocephala* (candeia) e *Pityrocarpa moniliformis* (quipé) foram as plantas que apresentaram o maior número de usos (5). Quipé difere da candeia pelo uso veterinário, entretanto, apenas uma pessoa o indicou, o que faz inferir que

o conhecimento sobre o uso desta planta como veterinário não se encontra completamente disseminado na comunidade. Por outro lado, candeia é referida pelos quilombolas como uma planta de uso múltiplo. Como lenha, por exemplo, essa espécie é identificada juntamente com *Myrcia* sp. (araçá) e *Eremanthus capitatus* (Spreng.) MacLeish (come-cherem), como sendo de grande importância. É bastante comum as três espécies serem utilizadas para combustão de maneira combinada, na comunidade de Baixa dos Quelés, principalmente durante o verão quando se encontram mais secas. Outro aspecto da candeia é a qualidade da madeira para construção de "poços" (cercas) das roças e casais. Segundo os entrevistados, sua durabilidade permite um tempo maior de duração, interferindo na escolha desta planta em detrimento das outras. Embora sendo uma espécie importante com grande espectro de uso e preferência, se observou que sua disponibilidade ainda é alta no local, pois a forma de coleta e manejo da planta pelos quilombolas se dá de forma aparentemente sustentável. Por exemplo, não são retirados galhos jovens apenas "galhos mortos" e, quando existe uma maior quantidade do araçá no ambiente, essa espécie é a preferida. Contudo, essa observação precisa ser avaliada por estudos de ecologia de populações da espécie na área.

Não houve diferenças significativas do valor local de espécies entre mulheres de comunidades diferentes ( $t = 0,29$ ,  $p = 0,76$ ), bem como entre os homens ( $t = 0,18$ ,  $p = 0,85$ ) o fato de que para algumas espécies, o número de citações acompanhou a magnitude do valor local, isso é devido à influência do mesmo no cálculo desse índice. Plantas que foram mais citadas, geralmente, têm maior valor local, entretanto, a ordem de citação na lista livre também influencia no cálculo do valor local (Tab. 2).

As dez plantas, em ordem decrescente de valor local, citadas pelas mulheres foram: *Gochmatia oligocephala* (candeia - 4,81), *Myrcia* sp. (araçá - 3,53), *Schinus terebinthifolius* (arocira - 3,25), *Miconia ferruginata* (babatenão - 2,88), *Lippia thymoides* (alecrim - 2,53), *Anacardium occidentale* (cajueiro branco - 2,44), *Poincianella microphylla* (catingueira - 2,19), *Maytenus* sp. (pau-de-colher - 1,84), *Hyptis pectinata* (sambacathá - 1,63) e *Cordia curassavica* (caatinga-de-cheiro - 1,38). *Protium heptaphyllum* (amesca), *Gossypium* sp. (algodão-criolo), *Plectranthus* sp. (malva grossa) e *Cordia* sp. (pau-santo) tiveram o menor valor local (0,03).

**Tabela 1** – Espécies citadas na lista livre usada no cálculo do VL (valor local) pelos Quilombolas de Baixa dos Quelés e Casinhas. Categorias e formas de uso: A–Alimento; M–Medicinal; Me–Melífera; C–Combustível; R–Ritual/religioso; CT–Construção; Cm–Comercialização; F–Forrageira; V–Veterinário; Ar–Artesanato.

**Table 1** – Species cited in the free list used in the calculation of VL (local value) by the Quilombolas from Baixa dos Quelés and Casinhas. Categories and types of use: A–edible, M–medicinal; Me–melliferous; C–fuel; R–ritual/religion; CT–construction; Cm–commerce, F–forage; V–veterinary; Ar–handicraft.

Nome vernáculo	Nome científico	Família	Uso	Forma de preparo
Acançu	<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	Leguminosae	M	Xarope ou chá
Alecrim/alecrinho	<i>Lippia thymoides</i> Mart. & Scherer	Verbenaceae	M, R	Chá, lambedor, banho, defumador
Algodão-criolo	<i>Gossypium</i> sp.	Malvaceae	M	Sumo
Amesca	<i>Protium heptaphyllum</i> March.	Burseraceae	M, R	Defumador, torrar
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>Cebil</i> (Griseb.) Altschul	Leguminosae	C, M	Chá, uso direto, lambedor
Araçá	<i>Myrcia</i> sp.	Myrtaceae	C, Me, M, CT	Chá, uso direto
Araçá-de-moça	<i>Eugenia</i> sp.	Myrtaceae	A	Uso direto
Araticum	<i>Annona</i> sp.	Annonaceae	M, A	Infusão
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.	Anacardiaceae	M, R	Chá, infusão, banho
Babatenão/babatenã	<i>Miconia ferruginata</i> DC.	Melastomataceae	M	Infusão, banho
Bambão/melancia-da-praia	<i>Solanum</i> sp.	Solanaceae	M	Lambedor
Bandola/pandola	<i>Pisonia laxa</i> Netto	Nyctaginaceae	M, V	Infusão
Bom-pra-tudo	Indeterminada 1		M	Chá
Bonia	<i>Vanilla</i> sp.	Orchidaceae	M, R	Chá, cheiro
Braúna	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Anacardiaceae	M, CT	Lambedor, chá
Catinga-de-cheiro	<i>Cordia curassavica</i> (Jacq.) Roem. & Schult.	Boraginaceae	M	Chá, banho
Café-bravo/cafezeiro	<i>Erythroxylum</i> sp.	Erythroxylaceae	CT, C	Uso direto
Caibeiro	Indeterminada 2	Myrtaceae	CT	Uso direto
Cajueiro branco	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Cm, M, A, Me	Doce, suco, chá
Cambabá/guinezinho	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolacaceae	M, R	Chá, banho
Camboatá	<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	Sapindaceae	M	Infusão
Cambucá	<i>Myrcia</i> sp.	Myrtaceae	A, C	Uso direto
Cambuí	<i>Myrcia rostrata</i> DC.	Myrtaceae	A, M, C	Uso direto, chá
Candeia	<i>Gochmatia oligocephala</i> (Gardner) Cabrera	Asteraceae	C, M, Me, CT, R	Chá
Canudinho	<i>Hypenia salzmannii</i> (Benth.) Harley	Lamiaceae	M	Chá

Nome vernáculo	Nome científico	Família	Uso	Forma de preparo
Capim-faixa-branca	Indeterminada 3	Poaceae	F	Uso direto
Catingueira	<i>Poincianella microphylla</i> (Mart.ex G. Don) L.P.Queiroz	Leguminosae	M, C, CT	Chá, Infusão
Cedro	<i>Cedrella fissilis</i> Vell.	Meliaceae	M, CT, R	Banho, defumador
Chacureta	Indeterminada 4		C, CT	Uso direto
Cipó-de-grajau	Indeterminada 5		M	Chá
Come-cherem	<i>Eremanthus capitatus</i> (Spreng.) MacLeish	Asteraceae	C	Uso direto
Corona	<i>Cestrum</i> sp.	Solanaceae	R	Banho
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link.	Leguminosae	R	Chá, Banho
Imburana	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett	Burseraceae	M, R	Chá, xarope, infusão, decoção
Ieó-preto	<i>Capparis jacobinae</i> Morie.	Capparaceae	M	Torrar
Jarrenha	<i>Aristolochia trilobata</i> L.	Aristolochiaceae	M	Chá
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Leguminosae	R, M	Defumação, xarope, banho, infusão, chá
Jiquirizeiro	Indeterminada 6	Leguminosae	M, A	Infusão
Juazeiro	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Rhamnaceae	M	Banho, infusão
Jurema-preta	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd) Poir.	Leguminosae	CT, C, M, Me	Banho, chá, xarope
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	M	Lambedor, chá
Laranjinha-do-mato	<i>Zanthoxylum</i> sp1.	Rutaceae	M, R	Maceração, banho
Licuri/nieuri	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	Arecaceae	M, A, Ar, F	Uso direto
Maeambira	Indeterminada 7		CT	Uso direto
Maçaranduba	<i>Manilkara</i> sp.	Sapotaceae	M, CT	Uso direto
Macela	<i>Hyptis martiusii</i> Benth.	Lamiaceae	R	Banho
Malva-de-jegue	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae	M	Chá
Malva-grossa	<i>Plectranthus</i> sp.	Lamiaceae	M	Lambedor
Mamonia	Indeterminada 8		CT	Uso direto
Mandacaru	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Caetaceae	M, A	Uso direto
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Apocynaceae	M, A	Extração do látex
Marmeleiro	<i>Croton blanchetianus</i> Baill.	Euphorbiaceae	M	Infusão
Maraeujá prá pouco	<i>Passiflora foetida</i> L.	Passifloraceae	M	Chá
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	M	Maceração
Mororó/grão-de-boi	<i>Bauhinia subclavata</i> Benth. in Mart.	Leguminosae	M	Chá
Muriei verdadeiro	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth.	Malpighiaceae	A	Uso direto

Nome vernáculo	Nome científico	Família	Uso	Forma de preparo
Murici-pcaba	<i>Byrsonima triopterifolia</i> A. Juss.	Malpighiaceae	A	Suco
Murta	<i>Campomanesia eugenioides</i> var. <i>desertorum</i> (DC.) Landrum	Myrtaceae	M	Infusão
Palma	<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	Cactaceae	F	Uso direto
Pau-darco	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart.) Standley	Bignoniaceae	M	Chá, infusão
Pau-de-colher	<i>Maytenus</i> sp.	Celastraceae	M	Infusão, chá
Pau-de-rato	Indeterminada 9		M	Chá
Pau-ferro	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Quiciroz	Leguminosae	M	Chá, infusão, pó
Pau-pra-tudo	<i>Zanthoxylum</i> sp2.	Rutaceae	M	Infusão, chá
Pau-santo	<i>Cordia</i> sp.	Boraginaceae	R, M	Banho, chá
Pega-pinto	<i>Boerhavia</i> sp.	Nyctaginaceae	M, V	Chá
Perceiro	<i>Aspidosperma pyriforme</i> Mart.	Apocynaceae	V, CT	Maceração
Pindaíba	Indeterminada 10		M	Chá
Pinhão-manso	<i>Jatropha</i> sp.	Euphorbiaceae	M, R	Defumador, torrado
Pinhão-roxo	<i>Jatropha ribifolia</i> (Pohl.) Baill.	Euphorbiaceae	M, R	Banho, maceração
Pulsar	Indeterminada 11	Myrtaceae	A	Uso direto
Quebra-facão	<i>Croton</i> sp.	Euphorbiaceae	M, R	Banho, infusão, chá
Quebra-mandinga	<i>Capparis</i> sp.	Capparaceae	R	Banho
Quina-quina	<i>Chiococca brachiata</i> Ruiz & Pav.	Rubiaceae	V, M	Infusão, chá
Quipé	<i>Pityrocarpa moniliformis</i> (Benth) Luckow e R.W. Jobson	Leguminosae	M, C, Mc, V, CT	Infusão, chá
Quixabeira	<i>Sideroxylum obtusifolium</i> (Roem. Et. Sch.)	Sapotaceae	M	Chá, infusão
Sacatinga	<i>Croton tricolor</i> (L.) Mull. Arg.	Euphorbiaceae	M	Banho, chá
Sambacaitá	<i>Hyptis pectinata</i> (L.) Poit.	Lamiaceae	M, CT	Banho, chá
Sucupira	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Leguminosae	M	Infusão
Susuara	Indeterminada 12		CT	Uso direto
Tuturubaca	<i>Pouteria</i> sp.	Sapotaceae	A, F	Uso direto
Umbu de ameixa	<i>Ximenia americana</i> L.	Oleaceae	M	Chá
Umbuzeiro	<i>Spondias tuberosa</i> L.	Anacardiaceae	A, M	Infusão
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae	R, M	Banho, sumo
Velame	<i>Croton heliotropifolius</i> Kunth	Euphorbiaceae	M	Torrado, chá
Velandinho	<i>Croton pulegioides</i> Mull. Arg.	Euphorbiaceae	M	Chá

**Tabela 2** – Valor local e número de citações de plantas para homens e mulheres nas comunidades Casinhas e Baixa dos Quelés, do município de Jeremoabo/BA. VLBQ – Valor local Baixa dos Quelés; VLMQ – Valor local mulheres b. dos Quelés; VLHQ - Valor local homens b. dos Quelés; CMQ –Número de citações feitas por mulheres de B.dos Quelés; CHQ –Número de citações feitas por homens de B.dos Quelés; CQT – Número total de citações; VLC – Valor local Casinhas; VLMC - Valor local mulheres de Casinhas; VLHC - Valor local homens de Casinhas; CMC – Número de citações feitas por mulheres de Casinhas; CHC- Número de citações feitas por homens de Casinhas; CCT – Número total de citações de Casinhas; VL (H+H) – Valor local para os homens das duas comunidades; VL(M+M) – Valor local para as mulheres das duas comunidades.

**Table 2** – Local Value and number of citations of plants for men and women of the communities Casinhas and Baixa dos Quelés of the municipality of Jeremoabo / BA. VLBQ – Local Value Baixa dos Quelés; VLMQ - Local Value for women in Baixa dos Quelés; VLHQ - Local Value for men in Baixa dos Quelés; CQM-Number of citations by women of Baixa dos Quelés; CQH-Number of citations by men of Baixa dos Quelés; CQT - Total number of citations; VLC - Local Value in Casinhas; VLMC - Local Value for women in Casinhas; VLHC - Local Value for men in Casinhas, CMC - The number of citations by women in Casinhas; CHC- Number of citations by men in Casinhas; CCT - Total number of citations in Casinhas; VL (H + H) - Local value for men of the two communities, VL (M + M) - Local value for women of the two communities.

Nome vernáculo	VLBQ	VLMQ	VLHQ	CMQ	CHQ	CQT	VLC	VLMC	VLHC	CMC	CHC	CCT	VL(H+H)	VL(M+M)
Aeançu	0,30	0,31	0,29	1	1	2	0,59	0,75	0,43	3	1	4	0,36	0,53
Alecrim/alcercinho	<b>1,55</b>	1,81	1,29	4	1	5	<b>2,70</b>	3,25	2,14	10	2	12	1,72	2,53
Algodão-criolo	0,03	0,06	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,0	0,03
Amesca	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,53	0,06	1,00	1	1	2	0,5	0,03
Angico	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,81	1,63	0,00	3	0	3	0,0	0,82
Araçá	<b>4,07</b>	4,00	4,14	10	4	14	<b>1,89</b>	3,06	0,71	6	1	7	2,43	3,53
Araçá-de-moça	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,10	0,19	0,00	1	0	1	0,0	0,09
Araticum	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,71	0,00	1,43	0	1	1	0,72	0,0
Arocira	<b>3,09</b>	2,75	3,43	7	3	10	<b>2,23</b>	3,75	0,71	9	1	10	2,07	3,25
Babatenão/babatenã	<b>2,48</b>	2,81	2,14	7	2	9	1,47	2,94	0,00	7	0	7	1,07	2,88
Bambão/melancia-da-praia	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,09	0,19	0,00	1	0	1	0,0	0,10
Bandola/pandola	<b>1,63</b>	1,69	1,57	5	2	7	1,03	0,63	1,43	2	2	4	1,5	1,16
Bom-pra-tudo	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,36	0,00	0,71	0	1	1	0,36	0,0
Bônia	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,71	0,56	0,86	1	1	2	0,43	0,28
Braúna	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,46	0,63	0,29	2	1	3	0,15	0,32
Café bravo/cafezeiro	0,16	0,31	0,00	1	0	1	0,07	0,00	0,14	0	1	1	0,07	0,16
Caibeiro	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,57	0,00	1,14	0	1	1	0,57	0,0
Cajueiro branco	<b>2,02</b>	3,19	0,86	7	1	8	<b>2,06</b>	1,69	2,43	5	2	7	1,64	2,44
Cambabá/guinezinho	0,98	0,81	1,14	2	1	3	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,57	0,41
Camboatá	0,21	0,00	0,43	0	1	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,22	0,0
Cambucá	0,14	0,00	0,29	0	1	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,15	0,0
Cambuf	0,50	0,00	1,00	0	1	1	0,28	0,56	0,00	2	0	2	0,50	0,28

Nome vernáculo	VLBQ	VLMQ	VLHQ	CMQ	CHQ	CQT	VLC	VLMC	VLHC	CMC	CHC	CCT	VL(H+H)	VL(M+M)
Candeia	<b>4,83</b>	4,94	4,71	11	5	16	<b>5,49</b>	4,69	6,29	9	5	14	5,5	4,82
Canudinho	0,69	1,38	0,00	3	0	3	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,0	0,69
Capim-cana	0,16	0,31	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,0	0,16
Capim-faixa-branca	0,19	0,38	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,0	0,19
Catinga-de-cheiro	<b>2,59</b>	2,75	2,43	5	2	7	0,00	0,00	0,00	1	0	1	1,22	1,38
Catingucira	1,30	1,75	0,86	4	1	5	<b>2,88</b>	2,63	3,14	6	3	9	2,00	2,19
Cedro	1,54	0,94	2,14	2	2	4	0,00	0,00	0,00	0	0	0	1,07	0,47
Chacurctá	0,07	0,00	0,14	0	1	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,07	0,00
Cipó-de-grajau	0,22	0,44	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,00	0,22
Come-cherem	0,95	1,19	0,71	3	1	4	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,36	0,60
Corona	0,13	0,25	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,00	0,13
Fedregoso	0,15	0,00	0,29	0	1	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,15	0,00
Imburana	1,50	1,56	1,43	3	1	4	0,16	0,31	0,00	1	0	1	0,72	0,94
Icô-preto	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,13	0,25	0,00	2	0	2	0,00	0,13
Jarrenha	0,31	0,63	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,00	0,32
Jatobá	0,59	0,19	1,00	2	1	3	<b>3,87</b>	2,31	5,43	4	5	9	3,22	1,25
Jiquirizeiro	0,36	0,00	0,71	0	1	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,36	0,00
Juazeiro	0,41	0,81	0,00	2	0	2	0,92	0,56	1,29	2	1	3	0,65	0,69
Juruma-preta	<b>2,66</b>	0,75	4,57	3	5	8	<b>1,61</b>	0,94	2,29	2	2	4	3,43	0,85
Jurubeba	0,07	0,13	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,00	0,07
Laranjinha-do-mato	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,41	0,81	0,00	2	0	2	0,00	0,41
Licuri/nicuri	0,13	0,25	0,00	1	0	1	0,26	0,38	0,14	2	1	3	0,07	0,32
Macambira	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,21	0,00	0,43	0	1	1	0,22	0,00
Maçaranduba	0,88	0,75	1,00	0	1	1	0,93	0,00	1,86	0	2	2	1,43	0,38
Macela	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,07	0,13	0,00	1	0	1	0,00	0,07
Malva-grossa	0,03	0,06	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,00	0,03
Malva-de-jeguc	0,28	0,56	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,00	0,28
Mamonia	0,64	0,00	1,29	0	1	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,65	0,00
Mandacaru	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,44	0,31	0,57	1	1	2	0,29	0,16
Mangaba	0,54	0,38	0,71	2	1	3	1,15	0,44	1,86	3	3	6	1,29	0,41
Maracujá prá pouco	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,13	0,25	0,00	1	0	1	0,00	0,13
Marmeleiro	0,19	0,38	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,00	0,19
Mastruz	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,07	0,13	0,00	1	0	1	0,00	0,07
Mororó/grão-de-boi	0,36	0,00	0,71	0	1	1	1,05	1,25	0,86	3	1	4	0,79	0,63
Murici verdadeiro	0,00	0,00	0,00	0	0	0	1,02	1,19	0,86	3	1	4	0,43	0,60
Murici-pcba	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,92	0,00	1,85	0	3	3	0,93	0,0

Nome vernáculo	VLBQ	VLMQ	VLHQ	CMQ	CHQ	CQT	VLC	VLMC	VLHC	CMC	CHC	CCT	VL(H+H)	VL(M+M)
Murta	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,22	0,44	0,00	1	0	1	0,00	0,22
Palma	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,53	0,63	0,43	1	1	2	0,22	0,32
Pau-darco	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,38	0,75	0,00	3	0	3	0,00	0,38
Pau-de-colher	0,00	0,00	0,00	0	0	0	<b>2,13</b>	3,69	0,57	8	1	9	0,29	1,85
Pau-de-rato	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,29	0,00	0,57	0	1	1	0,29	0,0
Pau-ferro	0,57	0,00	1,14	1	1	2	<b>1,54</b>	1,50	1,57	4	2	6	1,36	0,75
Pau-para-tudo	0,19	0,38	0,00	1	0	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,00	0,19
Pau-santo	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,03	0,06	0,00	1	0	1	0,00	0,03
Pega-pinto	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,38	0,75	0,00	2	0	2	0,00	0,38
Pelcero	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,43	0,00	0,86	0	1	1	0,43	0,00
Pindaíba	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,57	0,00	1,14	0	1	1	0,57	0,00
Pinhão-manso	0,41	0,25	0,57	1	1	2	0,14	0,00	0,29	0	1	1	0,43	0,13
Pinhão-roxo	1,37	0,88	1,86	2	2	4	0,13	0,25	0,00	1	0	1	0,93	0,57
Pulsar	0,09	0,19	0,00	1	0	1	0,44	0,88	0,00	2	0	2	0,00	0,54
Quebra-facão	<b>2,30</b>	1,75	2,86	4	3	7	0,29	0,00	0,57	0	1	1	1,72	0,88
Quebra-mandinga	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,16	0,31	0,00	1	0	1	0,00	0,16
Quina-quina	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,40	0,38	0,43	1	1	2	0,22	0,19
Quipé	1,15	0,88	1,43	2	1	3	0,47	0,38	0,57	1	1	2	1,00	0,63
Quixabeira	0,86	0,00	1,71	1	2	3	0,36	0,00	0,71	0	1	1	1,21	0,00
Sacatinga	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,51	0,31	0,71	1	1	2	0,36	0,16
Sambacaitá	0,47	0,94	0,00	2	0	2	1,16	2,31	0,00	5	0	5	0,00	1,63
Sucupira	0,67	0,19	1,14	1	2	3	0,14	0,00	0,29	0	1	1	0,72	0,10
Susuara	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,43	0,00	0,86	0	1	1	0,43	0,00
Tuturubaca	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,79	0,00	1,57	0	2	2	0,79	0,00
Umbu de ameixa	0,92	0,56	1,29	1	2	3	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,65	0,28
Umbuzeiro	0,31	0,63	0,00	2	0	2	0,72	0,88	0,57	4	1	5	0,29	0,76
Vassourinha	0,03	0,06	0,00	1	0	1	0,16	0,31	0,00	1	0	1	0,00	0,19
Velame	0,16	0,31	0,00	1	0	1	0,44	0,88	0,00	2	0	2	0,00	0,60
Velandinho	0,21	0,00	0,43	0	1	1	0,00	0,00	0,00	0	0	0	0,22	0,00

Obs.: Os valores em negrito referem-se aos maiores valores locais para as dez espécies citadas nas comunidades.

Note: Bold values refer to higher local values for the ten species cited in the communities.

Das dez espécies de maior valor local, cinco possuem propriedades terapêuticas reconhecidas pela comunidade para combater as doenças ligadas ao aparelho reprodutor feminino. No geral, existe uma forte tendência em associar diversas plantas no preparo dos remédios locais. Sambacathá, única espécie citada apenas pelas mulheres de ambas as comunidades, é muito utilizada em associação com aroeira e pau-de-colher durante o preparo do “banho de assento”. Para combater a gripe é produzido o “xarope do mato”, combinando várias plantas: *Periandra mediterranea* (acançu), *Cereus jamacaru* (mandacaru), *Hymenaea courbaril* (jatobá), *Lippia thymoides* (alecrim), *Solanum paniculatum* (jurubeba), etc. Observação semelhante foi realizada por Abreu (2000) e Franco & Barros (2006). Essa combinação não se limita apenas ao uso de plantas: o mastruz juntamente com uma pedra chamada “oiteiro”, são componentes de medicamento tradicional para combater hemorragias.

O valor local de plantas em ordem decrescente para os homens foi: *Gochnatia oligocephala* (candeia - 5,50), *Mimosa tenuiflora* (jurema-preta - 3,43), *Hymenaea courbaril* (jatobá - 3,21), *Myrcia* sp. (araçá - 2,43), *Shinus terebinthifolius* (aroeira - 2,07), *Poincianella microphylla* (catingueira - 2,00), *Croton* sp. (quebra-faço - 1,71), *Lippia thymoides* (alecrim - 1,71), *Anacardium occidentale* (cajueiro branco - 1,64), *Pisouia laxa* (bandola - 1,50). As espécies de menor valor local foram *Byrsonima crassifolia* (murici-peba), *Syagrus coronata* (licuri), uma espécie ainda não identificada (chacuretá) e *Erythroxylum* sp. (cafezeiro-bravo) todas com valor local de 0,07.

Exceto a bandola e o alecrim, que não são usadas para construção, as plantas com grande potencial madeireiro, sejam para construção de casas ou poços (cercas), foram as que obtiveram o maior valor local. Esse resultado revela também que existem diferenças de gênero na escolha das plantas, e está relacionado às particularidades das atividades produtivas realizadas por homens e mulheres. Enquanto as atividades do gênero masculino se voltam mais para a construção, reparos de casas, delimitação das áreas de plantio e pasto, a grande maioria das mulheres cuida das atividades de casa e dos filhos; apenas no período do plantio e colheita homens e mulheres trabalham juntos nas “roças”. Colaço (2006), em estudo realizado com os índios Pankararé, no Raso da Catarina, verificou que embora não haja diferenças

significativas entre gêneros para o valor local, existem diferenças para alguns grupos de plantas em particular. Amorozo (1996) e Borba & Macedo (2006) também observaram esse comportamento dentro de comunidades em relação ao domínio cognitivo entre os gêneros sobre o conhecimento de plantas.

As espécies de frutos silvestres (murici, pulsar, mangaba, umbu, etc.) com exceção da mangaba, no geral, apresentaram valor local baixo. Segundo relato dos entrevistados, esses frutos eram mais consumidos dentro do povoado e comercializados nas feiras, a exemplo do umbu. Com a melhoria das condições de vida de algumas famílias, esses frutos deixaram de ser vendidos. Atualmente, algumas famílias têm nas suas áreas de cultivo indivíduos arbóreos de *Anacardium occidentale* (cajueiro branco), cujos frutos são comercializados nas feiras livres dos municípios próximos e na sede municipal.

As comunidades estudadas dependem estreitamente das plantas nativas da caatinga para sua reprodução social, extraindo diversos recursos vegetais para seu consumo e uma pequena parte para comercialização. As plantas são utilizadas, principalmente, com fins medicinais, usos rituais e construção. Embora a quantidade de espécies para fins medicinais tenha sido alta, merecem destaque as espécies usadas em práticas rituais. Mesmo que muitos quilombolas assumam como religião o catolicismo, os conhecimentos e práticas rituais de matriz africana ainda persistem nessas comunidades, como: as rezas para cura de doenças próprias do seu sistema etnomédico (“livramento do mal” e banhos de “descarrego”), normalmente são acompanhadas pelo uso de plantas. As plantas com potencial energético (lenheiro) ganham também importância dentro da valoração cultural das espécies nas comunidades estudadas, e sobre essas deve haver uma maior pressão de coleta pelas comunidades.

Os resultados dessa pesquisa indicam espécies vegetais, aquelas de maior valor local, que deveriam ser consideradas nos programas de conservação da caatinga na região, em projetos de recuperação de áreas degradadas, no desenho de sistemas agroflorestais bem como em projetos educação ambiental, culturalmente diferenciados, nas escolas locais da região. Os resultados também podem ser usados como base para seleção de espécies prioritárias para estudos posteriores de ecologia de populações, visando à avaliação da sustentabilidade do seu manejo.

## Agradecimentos

Ao curso de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA o qual este projeto de pesquisa está vinculado. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) a concessão da bolsa de Doutorado. Aos moradores das duas comunidades estudadas Casinhas e Baixa dos Quelés o acolhimento, gentileza e disposição em colaborar durante todo o trabalho e que foram imprescindíveis a sua realização.

## Referências

- Abreu, J.R. 2000. Diversidade de recursos vegetais do cerrado utilizados pelos quilombolas Mimbó (Amarante, Piauí, Brasil). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 68p.
- Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C. 2002a. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasílica* 16: 273-285.
- Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C. 2002b. Uso de recursos da caatinga: o caso do agreste de Pernambuco, (Nordeste do Brasil). *Interciencia* 27: 336-346.
- Albuquerque, U.P. & Lucena, R.F.P. 2004. Métodos e técnicas de pesquisa etnobotânica. Ed. Livro Rápido/NUPEEA, Recife. 189p.
- Albuquerque, U.P.; Araújo, T.S.; & Ramos, M.A.; Nascimento, V.; Lucena, R.F.P.; Monteiro, J.M.; Alencar, N.L. & Araújo, E.L. 2009. How ethnobotany can aid biodiversity conservation: reflections on investigations in the semi-arid region of NE Brazil. *Biodiversity Conservation* 8: 127-150.
- Amorozo, M.C.M. 1996. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: Di Stasi L.C. (org.). *Plantas medicinais: arte e ciência - Um guia de estudo interdisciplinar*. Ed. Universidade Estadual Paulista, São Paulo. Pp. 47-68.
- Anjos, R.S.A. 2000. Território das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil - primeira configuração espacial. 2ª ed. Mapas Editora e Consultoria, Brasília. 92p.
- Bandeira, F.P.S.F. 1996. Um estudo em perspectiva: etnopedologia e etnoecogeografia do grupo indígena Pankararé. *Caderno de Geociências* 5: 107-128.
- Berlin, B.; Breedlove, D.E.; Laughlin, R.M. & Raven, P.H. 1973. Cultural significance and lexical retention in Tzeltal-Tzotzil Ethnobotany. In: Edmonson, M.S. (ed.). *Meaning in Mayan languages*. Mouton, The Hague, Paris. Pp. 143-164.
- Borba, A.M. & Macedo, M. 2006. Plantas medicinais usadas para saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brasil. *Acta Botanica Brasílica* 20: 771-782.
- Camargo, M.T.L.A. 2007. Contribuição etnofarmacobotânica ao estudo de *Petiveria alliacea* L.-Phytolacaceae ("amansa-senhor") e a atividade hipoglicemiante relacionada a transtornos mentais. *Rodriguésia* 23: 21-27.
- Carvalho, J.J. 1995. O quilombo do Rio das Rãs: histórias, tradições, lutas. EDUFBA, Salvador. 270p.
- CEI. 1994. Centro de estatística e informações-básicas dos municípios baianos: região nordeste. Salvador 11: 35-37.
- Colaço, M.O. 2006. Significado cultural do uso e manejo de plantas da caatinga pelos índios Pankararé do Raso da Catarina/BA. Dissertação de Mestrado. Universidade de Feira de Santana, Feira de Santana. 94p.
- Cunha, L.V.F. & Albuquerque, U.P. 2006. Quantitative ethnobotany in Atlantic forest fragment of Northeastern Brazil - Implications to conservation. *Environmental Monitoring and Assessment* 114: 1-25.
- Cronquist, A. 1988. The evolution and classification of flowering plants. 2ª ed. The New York Botanical Garden, New York. 555p.
- Fiabani, A. 2005. Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes. *Expressão Popular*, São Paulo. 424p.
- Franco, E.A.P. & Barros, R.F.M. 2006. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Botueatu 8: 78-88.
- Garibay-Orijel, R.; Caballero, J.; Estrada-Torres, A. & Cifuentes, J. 2007. Understanding cultural significance, the edible mushrooms case. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 3: 1-18.
- Giulietti, A. M.; Bocage-Neta A. L.; Castro, A.A.J.F.; Gamarra-Rojas, C.F.L.; Sampaio, E.V.S.B.; Virgíneo, J.F.; Queiroz, L.P.; Figueiredo, M.A.; Rodal, M.J.N.; Barbosa, M.R.V. & Harley, R.M. 2004. Diagnóstico da vegetação nativa da caatinga. In: Silva, J.M.C.; Tabarelli, M.; Fonseca, M.T. & Lins, L.V. (eds.). *Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para conservação*. Ministério do Meio Ambiente, UFPE, Conservation International do Brasil, Fundação Biodiversitas, Embrapa Semi-Árido, Brasília. Pp. 48-90.
- Hunn, E.S. 1982. The utilitarian factor in folk biological classification. *American Anthropologist* 84: 830-847.
- Lajones, D.A. & Lema, A. 2001. Propuesta y evaluación de un índice de valor de importancia etnobotánica por medio del análisis de correspondência en las comunidades de arenales y San Salvador, Esmeraldas, Equador. 14p.
- Lawrence, A.; Phillips, O.L.; Ismodes, R.A.; Lopez, M.; Rose, S.; Wood, D. & Farfan, J.A. 2005. Local values for harvested forest plants in Madre de Dios, Peru: Towards a more contextualised interpretation of quantitative ethnobotanical data. *Biodiversity and Conservation* 14: 45-79.

- MMA - Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. 2002. Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da caatinga. Universidade Federal de Pernambuco, Conservation Internacional do Brasil e Fundação Biodiversitas, Brasília. 404p.
- Monteles, R. & Pinheiro, C.U.B. 2007. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. *Revista de Biologia e Ciências da Terra* 7: 38-48.
- Morais, S.M.; Dantas, J.D.P.; Silva, A.R.A. & Magalhães, E.F. 2005. Plantas medicinais usadas pelos índios Tapebas do Ceará. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 15: 169-177.
- Nascimento, V.T.; Sousa, L.G.; Araújo, E.L.; Alves, A.G.C. & Albuquerque, U.P. 2007. Paisagens tropicais e construções rurais: cercas e biodiversidade. *In: Albuquerque, U.P.; Alves, A.G.C. & Araújo, T.A.S. (org.). Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil. Vol.1. NUPPEA/UFRPE, Recife. Pp. 136-148.*
- PDRS. 2000. Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - CAR (BA) - Nordeste da Bahia. Salvador, 258p.
- Phillips, O. 1996. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge. *In: Alexiades, M.N. & Sheldon, J.W. (eds.). Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. Advances in Economic Botany. Vol. 10. New York Botanical Garden, New York. Pp. 171-197.*
- Pieroni, A. 2001. Evaluation of the cultural significance of wild food botanicals traditionally consumed in Northwestern Tuscany, Italy. *Journal of Ethnobiology* 21: 89-104.
- Rufino, M.U.L.; Costa, J.T.M.; Silva, V.A. & Andrade, L.H.C.A. 2008. Conhecimento e uso do ouricuri (*Syagrus coronata*) e do babaçu (*Orbignya phalerata*) em Buíque, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 22: 1141-1149.
- Sampaio, Y. & Batista, J.E.M. 2004. Desenvolvimento regional e pressões antrópicas no bioma caatinga. *In: Silva, J.M.C.; Tabarelli, M.; Fonseca, M.T. & Lins, L.V. (orgs.). Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. Pp. 311-324.*
- Schardong, R.M.F. & Cervi, A.C. 2000. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. *Acta Biológica Paranaense* 29: 187-217.
- SEBRAE 1995. Secretaria da Indústria Comércio e Turismo/Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas da Bahia. Diagnóstico de municípios: Micro-área de Paulo Afonso e Jeremoabo. SEBRAE, Salvador. 111p.
- Silva, V.A., Andrade, L.H.C. & Albuquerque, P.U. 2006. Revising the cultural significance index: The case of the Fulniô in Northeastern Brazil. *Field Methods* 18: 98-108.
- Stoffle, R.W.; Evans, M.J. & Olmsted, J. 1990. Calculating the cultural significance of American indian plants, Paiute and Shoshone ethnobotany at Yucca mountain, Nevada. *American Anthropologist* 92: 416-432.
- Turner, N.J. 1988. The importance of a rose; evaluating the cultural significance of plants in Thompson and Lillooet interior Salish. *American Anthropologist* 90: 272-290.
- Weller, S.C. & Romney, A.K. 1988. Systematic data collection. *Qualitative Research Methods. Vol. 10. University of California, SAGE publications. 96p.*